



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Relações Sociais de sexo/gênero na indústria calçadista em estudo comparativo internacional

Maria Lúcia Vannuchi

maluvannuchi@yahoo.com.br

Universidade Federal de Uberlândia / Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra

Brasil / Portugal



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O presente texto apresenta resultados parciais de um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido como estágio Pós-doutoral no Centro de Estudos Sociais - CES / Universidade de Coimbra, inserido no campo de gênero e trabalho. Analisa, em comparação internacional, a divisão sexual do trabalho na indústria calçadista, no contexto da acumulação flexível do capital, focalizando o setor a partir de pesquisas empíricas que estão sendo realizadas nos centros produtivos considerados, por sua relevância, respectivamente, a capital brasileira do calçado masculino (Franca/SP) e a capital portuguesa do calçado (São João da Madeira). Ele focaliza as condições materiais de trabalho na produção calçadista nos referidos centros produtivos, suas relações sociais de sexo, bem como a dimensão simbólica das representações e subjetividades nela construídas. Tem-se como pressuposto a centralidade social do trabalho no atual contexto societário; a compreensão de que as classes sociais, ainda que, hoje, metamorfoseadas, dispersas, fragmentadas, são estruturantes das relações sociais, e que não se pode falar de uma classe universal, posto que ela é heterogênea e na sua existência real, traz interseccionais marcas, dentre outras, de gênero, raça/etnia que expressam relações de poder. E o sistema de acumulação flexível tem se utilizado de tal heterogeneidade - no caso ora focalizado, das diferenças sexuais e de gênero entre seus/suas integrantes - para intensificar a exploração e o controle exercido sobre a totalidade dos/as trabalhadores/as. Hirata considera que para entender-se o atual mundo do trabalho é necessário atentar para a divisão social, internacional e sexual deste, que de forma peculiar, procede a adaptações às características socioculturais e históricas de cada país, de cada região. Neste sentido vem sendo desenvolvida esta pesquisa que coteja a produção calçadista de Franca (Brasil) e a de São João da Madeira e São João de Ver, localidades que integram o núcleo do distrito de Aveiro (Portugal), por meio do estudo de caso de espaços fabris selecionados, e de entrevistas semi-estruturadas, com trabalhadores/as, gestores/as e sindicalistas do referido setor produtivo.

Palavras-chave:

Relações de sexo / gênero; Classes sociais; Indústria calçadista.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This text results from a research that is being developed as a postdoctoral internship in the Center for Social Studies - CES / University of Coimbra, inserted in the field of gender and labor. It analyzes, in an international comparison, the sexual division of labor in the shoe industry, in the context of the flexible accumulation of capital, focusing the sector on the basis of empirical researches being carried out in the productive centers considered, by their relevance, respectively, the Brazilian capital of the men's footwear (Franca/SP) and the Portuguese footwear capital (São João da Madeira). It focuses on the concrete conditions of labor in these productive centers, their gender relations, as well as the symbolic dimension of the representations and subjectivities built in it. It has as a presupposition the social centrality of work in this current context, understanding that social classes, even though being changed, dispersed and fragmented, are structuring social relations, and isn't able to talk about a universal working class: it is heterogeneous and in its real existence, it brings intersectional marks, among others, gender, race/ethnicity, that also express relations of power. The flexible accumulation system has made use of such heterogeneity - in the case here focused, the sexual and gender differences among its members - to intensify the exploitation and control used over the totality of the workers. Hirata considers that to understand the world of work, it is necessary to look at the social, international and gender division of work that in a peculiar way, adapts to the sociocultural and historical characteristics of each country and region. In this sense, this research has been carried out, comparing the footwear production of Franca (Brasil), and São João da Madeira and São João de Ver (Portugal), which integrate the nucleus of the Portuguese district of Aveiro, through case study of selected manufacturing spaces, and semi-structured interviews with workers, managers and trade unionists of that productive sector.

Keywords

Gender/sex relations, Social classes, Shoe industry.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Este texto é parte integrante de um relatório de pesquisa desenvolvida no decorrer de 2017, em estágio pós-doutoral no Centro de Estudos Sociais - CES / Universidade de Coimbra, sob a supervisão do Prof. Dr. Elísio Estanque, bem como de um artigo submetido à publicação na Oficina CES. Nesta investigação, na linha de pesquisa de trabalho e gênero, ainda em andamento, analisamos, em comparação internacional, a divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo/gênero no setor da indústria de calçados, focalizando importantes núcleos produtivos do Brasil e de Portugal, respectivamente: Franca (SP/Brasil), e o Distrito de Aveiro (Portugal).

A pesquisa em Franca foi realizada anteriormente, em nível de doutorado, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Lucila Scavone, e resultou na tese intitulada “A mulher na fábrica de sapatos: trabalho e gênero na indústria calçadista de Franca (SP)”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UNESP de Araraquara (SP), em 2003 que pode ser consultada no Repositório Institucional da UNESP¹. Antecedendo a presente investigação em campo português procedemos entre o final de 2016 e início de 2017, à atualização de alguns dados acerca da produção de calçados no Brasil e em Franca (SP), que ainda serão revisitados.

As questões que suscitaram esta pesquisa, que aborda tanto as condições materiais de trabalho quanto a dimensão simbólica das identidades subjetivas e das representações sociais construídas nesses espaços laborais são: Que semelhanças e particularidades existem nas condições materiais de trabalho em fábricas do setor calçadista português e brasileiro? Como se configura a divisão sexual do trabalho nas unidades fabris focalizadas? Que relações sociais de sexo são estabelecidas nos espaços sociais analisados? Como os/as trabalhadores/as pesquisados/as realizam a articulação entre as esferas doméstica e extradoméstica? Que concepções, percepções e representações sociais perpassam o espaço simbólico, das subjetividades

¹ https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/106299/tomazini_mlv_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Consta como autora da tese, TOMAZINI, Maria Lúcia Vannuchi, nome que foi alterado após divórcio, e subsequente retomada de meu nome de registro civil, Maria Lúcia Vannuchi.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

dos/as trabalhadores/as entrevistados/as? Que práticas nos espaços laboral e pessoal esboçam-se a partir das relações sociais de classe e sexo/gênero no setor produtivo em tela?

Neste artigo, ater-nos-emos, em especial aos aspectos relativos à divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo nas fábricas empiricamente estudadas, aos procedimentos dos/as trabalhadores/as para articular as esferas laboral e doméstico-familiar, às questões de gênero nas práticas sindicais, e às representações presentes no universo simbólico dos sujeitos sociais que participaram do processo de investigação.

Na pesquisa realizada no Brasil, no início dos anos 2000, pudemos constatar empiricamente uma assimétrica divisão sexual do trabalho organizada segundo os princípios da separação e hierarquização com fortes impactos nas concepções, representações e subjetividades dos/as trabalhadores/as do segmento da produção de calçados focalizado. Tal constatação suscitou o interesse em perceber como seria tal entrelaçamento de dimensões simbólicas e de condições e situações materiais de trabalho, no mesmo setor produtivo, em outro espaço nacional.

Nosso objetivo ao realizar este estudo comparativo internacional é contribuir para o debate acerca da transversalidade das relações sociais de sexo/gênero, no cerne da atual divisão social, internacional e sexual do trabalho, na dinâmica da acumulação flexível do capital. E sua execução permitiu-nos constatar que a realidade social comporta situações paradoxais, não classificáveis em termos de simples diferenças e semelhanças, e também confirmar a importância de estudos comparativos, de situações focalizadas em contraponto, para o entendimento com maior acuidade de realidades diversas, especificamente no que tange à divisão sexual do trabalho e das relações sociais de sexo no atual mundo do trabalho.



II. Marco teórico-conceitual

Nesta pesquisa, valemo-nos de diferentes matrizes teóricas, não em virtude de mero ecletismo, mas por considerarmos necessária, para responder às já explicitadas questões norteadoras da investigação em curso, a interlocução de abordagens teóricas diversas.

Faz-se necessário explicitar nossa pressuposição da centralidade social do trabalho e das classes trabalhadoras, o que de início já define o nosso posicionamento no candente debate acerca das classes sociais na contemporaneidade, que consideramos ter caráter não só epistemológico, mas também político. Contrapomo-nos às teses que contestam a própria existência das classes sociais na sociedade atual ou que negam as contradições e conflitos entre proprietários/as e trabalhadores/as, apresentados/as como colaboradores/as com interesses comuns, no âmbito de uma perspectiva corporativista.

Decerto as classes sociais reconfiguraram-se, diferem muito dos padrões oitocentistas analisados por pensadores/as clássicos/as, notadamente Marx; estão mais heterogêneas, dispersas, fragmentadas, desunidas. Surgem novos processos produtivos, novas estratégias de gestão do trabalho, novas formas de relações sociais e sociabilidades, e não apenas nos espaços laborais, mas nas vivências cotidianas, nos hábitos e modos de vida.

Todavia, pensamos que a despeito de tais mudanças as classes sociais não desapareceram; continuam existindo, reconfiguradas, e que a narrativa de desqualificação do caráter classista das relações de trabalho bem serve à lógica neoliberal. Porém, a análise das relações classistas requer que se contemple a heterogeneidade dos/as trabalhadores/as, sobretudo em virtude das múltiplas conformações destes/as, que se delinearam a partir do último quartel do século XX.

Entendemos, assim, que a compreensão do universo laboral requer a análise da dimensão sexuada das classes sociais, posto que ser mulher trabalhadora é diferente de ser homem trabalhador. Não há uma classe trabalhadora universal, homogênea, e as suas diferenças têm sido ao longo do tempo motivo para intensificar a exploração do trabalho, e o controle da totalidade dos/as trabalhadores/as. Destarte, para entendermos o caráter sexuada dos sujeitos



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

sociais, fundamentamo-nos inicialmente nos Estudos de Gênero, escola anglo americana que se constituiu no final da década de 1970.

A categoria “gênero” pressupõe uma situação relacional assimétrica e de poder entre pessoas de diferentes identidades sexuais, com primazia masculina, construída social, cultural e historicamente; é a forma como cada sociedade, em dado momento de sua história, organiza as diferenças sexuais (Scott, 1995). No intuito de reproduzir-se, o sistema busca legitimar-se de forma naturalizadora, ou seja, apresentando tal assimetria como um inexorável resultado das diferenças naturais - ou supostamente naturais - entre mulheres e homens. Os estudos de gênero visam justamente à desnaturalização dessas hierárquicas relações, explicitando os processos socioculturais e históricos de sua naturalização.

Para Scott o gênero implica quatro elementos inter-relacionados, que atuam simultaneamente: os sistemas de significados; os esquemas normativos que traduzem as interpretações desses sentidos atribuídos; os espaços institucionais e de organização social; e as identidades subjetivas (Scott, 1995). Enquanto a corrente teórica anglo-americana, que Scott integra, analisa as relações de gênero a partir dos elementos simbólicos, a vertente francesa das Relações Sociais de Sexo privilegia a dimensão material da divisão sexual do trabalho. Tem ancoragem marxista, mas introduz uma concepção sexuada das classes sociais, enfatizando que articular produção/reprodução significa “trabalhar simultaneamente sobre dois grupos de relações sociais, relações entre os sexos e relações de classes; relações [de] opressão e exploração” (Kergoat, 1987:83).

Os dois enfoques não se opõem; antes, dialogam visando desnaturalizar as construções sociais sexistas, e comungam a crítica a redutores binarismos que pretendem enquadrar toda a vasta humanidade em duas únicas formas estereotipadas de mulheres e homens, definidos/as em conformidade com os seus sexos biológicos.

Em nossos estudos, temos utilizado tanto as contribuições dos Estudos de Gênero quanto as, dos Estudos das Relações Sociais de Sexo, uma vez que “tanto o conceito de relações de sexo como o de relações de gênero são mediados pelo poder [...] e são o princípio or-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ganizador das práticas sociais.” (Oliveira, 1997: 7). Ambas iluminam a análise das dimensões material e simbólica das sexuadas relações de trabalho.

No processo de revisão da literatura sobre a temática, privilegiamos duas pesquisadoras que além do debate teórico acerca das relações sociais de sexo, realizaram pesquisas empíricas que muito contribuíram para os nossos estudos. São elas, a brasileira Helena Hirata (1998; 2002; 2009), e a portuguesa Virgínia Ferreira (2002; 2003).

Ferreira (2003) observa que diante dos riscos de pensar-se a mudança social pelo eixo das mentalidades e estratégias de socialização, como entidades de certa forma autônomas, opta pela ancoragem na linha das Relações Sociais de Sexo.

Na mesma direção, Hirata (1998) critica as vertentes da Sociologia do Trabalho, que regidas pelo paradigma masculino de trabalhador, negligenciam as questões de gênero e ignoram a especificidade da situação das mulheres trabalhadoras. Ela alerta para a lacuna das teses macroeconômicas sobre globalização e reestruturação produtiva - às quais se refere como trabalhos *gender-blinded* - que dão pouca importância à diferenciação entre trabalhadoras e trabalhadores, relegando a plano secundário a dimensão sexuada do trabalho, e fechando os olhos para uma realidade heterogênea e marcada por desigualdades:

A autora considera imprescindível atentar para o caráter sexuada trabalho e para a heterogeneidade da classe trabalhadora, posto que os sujeitos que a constituem vivenciam contradições específicas, daí a premência de focalizarmos no processo produtivo as relações de gênero, constituintes de formas específicas de dominação e exploração no mundo do trabalho.

Hirata (2002) pontua, ainda, que para se entender os novos paradigmas produtivo e societário no cenário globalizado do sistema de acumulação flexível, é imprescindível atentar para as divisões social, internacional e sexual do trabalho. Ou seja: o universo laboral só é compreensível se analisado a partir dessa interseccionalidade, que molda a utilização de métodos e técnicas de gestão do trabalho, adaptando-os às características socioculturais e históricas de cada país, de cada região, e delineando um novo modo de funcionamento sistêmico do capitalismo. De forma não excludente, mas complementar, tais métodos e técnicas articulam-se para contemplar os objetivos da engenharia de produção, qual seja, diminuir as porosidades



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

da jornada de trabalho e acelerar o ritmo e o volume da produção, intensificando, assim, a produtividade e a exploração do trabalho.

Em análises comparativas das realidades laborais brasileira, francesa e japonesa, que vem realizando há décadas, Helena Hirata observa que a despeito das incessantes mudanças no mundo do trabalho, nele permanecem constantes as desigualdades de sexo/gênero. E, Kergoat (2009) considera que mesmo sendo a divisão sexual do trabalho, um construto histórico, e desta forma, apresentando particularidades em cada sociedade, via de regra, invariavelmente, assenta-se nos pilares da separação - setores predominantemente ocupados por mulheres ou homens - e da hierarquização - os homens melhor posicionados em cada espaço laboral.

Em estudo sobre o setor da produção de calçados em Portugal, mesmo não privilegiando a perspectiva de gênero, Elísio Estanque sinaliza que “as clivagens de classe estão bem presentes no mundo laboral, ainda que apareçam por vezes esbatidas na sua expressão política ou submersas entre outros tipos de desigualdades.” (Estanque, 2000: 324).

Esta referência a outros tipos de desigualdades, especificamente na produção de calçados em Portugal, o mesmo setor produtivo no qual em pesquisa empírica realizada no Brasil no início dos anos 2000 detectamos assimétrica divisão sexual do trabalho, incitou o desejo, já explicitado, de investigar a sua ocorrência em outro espaço nacional.

O recorte de gênero é transversal; possibilita-nos a leitura das relações estabelecidas nos espaços domésticos e extradomésticos; da produção e reprodução social, e também a percepção dos mecanismos de construção de formas específicas de subjetividade e representação. A totalidade social resulta da imbricação dessas várias dimensões materiais e simbólicas; objetivas e subjetivas.

Ou seja: para compreendermos as situações e relações de classe e gênero, em toda a sua amplitude, não basta pesquisarmos apenas as condições materiais de trabalho, e sua articulação com a vida pessoal; há que analisar também as dimensões subjetivas. E para tal, buscamos também Bourdieu (1999) para pensar os aparelhos de dominação simbólica e os esquemas de subjetivação de estruturas sociais objetivas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

As diferenças e desigualdades socialmente construídas, de cunho sexista, assentam-se, para o pensador, na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social. Esse é o ventre gerador das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade (Bourdieu, 1999).

A partir desse referencial teórico, passamos a retratar alguns aspectos da divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo, em suas dimensões material e simbólica, em unidades fabris do setor produtivo calçadista do Brasil e de Portugal, que foram objeto de estudo de caso.

III. Metodología

Este estudo comparativo internacional é de natureza qualitativa - o que possibilita apreender concepções, valores, identidades subjetivas - embora se valha também de quantificações elucidativas das problematizações formuladas

O procedimento metodológico adotado na primeira pesquisa, realizada no município brasileiro de Franca, foi agora replicado em contexto português: revisão bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas com trabalhadores/as², gestores/as empresariais e representantes de entidades sindicais, e estudo de caso de uma das maiores indústrias calçadistas de cada um dos dois núcleos produtivos que estão sendo cotejados.

Estanque (2000) enfatiza que o estudo de caso possibilita captar em um recorte, ainda que de ínfima dimensão da realidade social, as incidências estruturais nele contidas. Nesse sentido, as elaborações de Burawoy (2009) concernentes ao estudo de caso alargado, como possibilidade de apreender o macro, no micro, foram de grande valia para a presente investigação.

² Na medida em que o gênero pressupõe um sistema relacional - de poder e hierarquia - e no intuito de apreender diferentes olhares, entrevistamos pessoas de diferentes identidades de sexo/gênero, identificadas por nomes fictícios para preservar, por ética de pesquisa, seu anonimato.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análise e discussão dos dados

Os pressupostos da centralidade das classes sociais no espaço laboral, de sua heterogeneidade, e da natureza sexuada do trabalho, levaram-nos a focalizar, no cenário das divisões social, internacional e sexual do trabalho, as relações sociais de sexo estabelecidas no setor da indústria calçadista, em procedimento de análise comparativa, cotejando os já referidos centros produtores de calçados por meio de estudo de caso de duas importantes indústrias calçadistas situadas, de modo respectivo, no Brasil, e em Portugal, que são nomeadas respectivamente como FÁBRICA³, e FÁBRICA-P⁴.

A FÁBRICA apresentava, à época da pesquisa - 2001 a 2003 - com um quadro de 1.156 funcionários/as e respondia pela produção de 5.500 pares de sapato/dia - o que perfazia uma produção média individual de aproximadamente 5 pares/dia⁵ - configurando-se como uma empresa de grande porte, uma das maiores do município.

No mesmo período, a cidade contava com 18.524 sapateiros/as, ou seja, ela empregava 6,2% da categoria no município; era a indústria que, isoladamente em Franca, detinha o maior número de empregados/as no setor. Sua produção de 2 milhões de pares/ano equivalia a 6,5% da produção de Franca, correspondente, então, a 32 milhões de pares/ano.⁶

Embora a tônica do discurso de gestores da FÁBRICA tenha sido a igualdade de gênero, pudemos perceber a concentração de mulheres nas funções mais elementares e pior remuneradas. Eles afirmavam que as diferenças salariais diziam respeito tão somente às funções desempenhadas, e que as trabalhadoras respondiam por determinadas tarefas por serem mais

³ Denominação da unidade fabril francana focalizada em estudo de caso na pesquisa desenvolvida em nível de doutoramento. Por motivos éticos de pesquisa, seu nome real foi substituído pelo termo FÁBRICA, grafado em caixa alta, como substantivo próprio, de forma a distingui-la de tantas outras fábricas, que são grafadas em letras minúsculas, como substantivos comuns. A despeito do caráter comparativo da presente investigação, optamos por manter a denominação originalmente adotada na pesquisa anterior.

⁴ Pelo mesmo motivo enunciado na nota anterior, o nome real da unidade fabril portuguesa, submetida a estudo de caso, foi substituído por um termo, também grafado em caixa alta com o acréscimo da letra maiúscula P, inicial de Portugal, precedida por hífen, para diferenciá-la de sua congênere brasileira, ficando, pois, FÁBRICA-P.

⁵ Esta produção média individual no complexo calçadista de Franca (SP) não sofreu alteração significativa nas duas últimas décadas. Em entrevista não gravada, realizada em 26/01/2017, a secretária do sindicato patronal, Sindifranca - Sindicato da Indústria de Calçados de Franca - informou-nos que hoje ela é de 5,5 pares/dia.

⁶ A produção de calçados no Brasil era, então, de 580 milhões de pares/ano (Sindifranca, 2011).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

cuidadas, pacientes, detalhistas, atributos estes entendidos como características inerentes às mulheres, e não como competências dignas de pagamentos adicionais. E o acesso delas aos cargos de autoridade era irrisório; em novembro de 2001, de um total de 1244 funcionários/as, sendo 503 do sexo feminino, havia apenas quatro mulheres em postos de chefia.

A FÁBRICA-P integra um grupo empresarial escandinavo, de caráter global, que atua em 88 países, seja no setor produtivo coureiro calçadista, seja em curtumes ou na comercialização do produto por meio de aproximadamente três mil lojas próprias ou franquizadas. Sua sede situa-se no norte europeu, e dispõe de unidades produtoras de calçados e componentes em couro instaladas em vários países e continentes: Indonésia, Tailândia, China, Vietnã, Eslováquia e em Portugal.

Em dezembro de 2016, a unidade fabril portuguesa apresentava um volume global de força de trabalho de 1300 funcionários/as - sendo 966 trabalhadores/as da produção - e colocava no mercado três milhões de pares/ano, o equivalente a 15% da totalidade da produção do grupo empresarial, e a 3,8% da produção calçadista lusa, de aproximadamente 79 milhões de pares/ano. (APICCAPS - Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos, 2016).

A combinação da componente física da tecnologia, com a composição social do trabalho respondia por tal volume de produção, e pela elevada produtividade média individual de 22 pares/dia, se considerados apenas os/as trabalhadores/as diretos, e de 15 pares/dia, se considerados também os/as indiretos/as,

Também foi possível nela constatar, uma divisão sexual do trabalho, com predomínio de homens nos setores mais mecanizados, sobretudo na montagem, e de mulheres em funções mais manuais, como o setor de acabamento. Tal separação era naturalizada, sob a justificativa de maior força física dos homens, e mais paciência e capricho das mulheres.

As mulheres perfazem aproximadamente 60% do total de trabalhadores/as da produção, sendo que elas ocupam 40% dos postos de chefia, o que evidencia uma assimétrica divisão sexual do trabalho, ainda que muito menos acentuada do que a que verificamos na unidade fabril brasileira. Se formalmente não há desigualdade salarial entre trabalhadoras e traba-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

lhadores, ela termina por existir na medida em que as mulheres estão subrepresentadas em cargos de autoridade que têm remuneração mais elevada, e são majoritariamente ocupados por homens.

O caráter sexuado do trabalho também pode ser constatado na ocorrência de doenças profissionais, sendo que o distúrbio mais comum nas duas referidas fábricas é a tendinite, que acomete, sobretudo, as mulheres, face à realização de tarefas manuais e repetitivas. Sua incidência nos homens é menor pelo fato destes desenvolverem atividades mais mecanizadas.

A divisão sexual do trabalho existente nas duas unidades fabris estudadas, respectivamente, no Brasil e em Portugal, que se delineia no bojo de concretas relações sociais de classe e sexo/gênero, também tem reflexos não materiais, incidindo na construção das identidades subjetivas e nas elaborações simbólicas das representações.

As representações delineadas a partir de experiências coletivas partilhadas em qualquer dimensão da vida social, dentre elas, as construídas nas fábricas que constituíram nosso campo empírico, não são inertes reflexos, pelo contrário, tem força para produzir condutas e relações sociais (Moscovici, 1978).

Também é fundamental apreender os traços das subjetividades dos sujeitos sociais entrevistados, expressas em seus discursos, que são reveladores do processo de internalização das concretas estruturas sociais e da imbricação das dimensões material e simbólica da vida social (Bourdieu, 1999).

Tanto na fábrica brasileira quanto na portuguesa, foi possível observar o princípio da separação, justificada por estereótipos de força física e maior capacidade dos homens; e de fragilidade, paciência e esmero das mulheres.

As próprias mulheres revelam padrões androcêntricos internalizados:

Eu acho que colar peça é mais pra mulher ... parece que é mais fácil ... Uai, eu penso assim, porque o homem de família ele vai ganhar pouco pra colar peça. (Ivana - Brasil).



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Referindo-se à sub-representação das mulheres trabalhadoras em cargos de autoridade, o diretor geral da FÁBRICA-P aventou a possibilidade da defasagem resultar de uma “escolha” que a própria trabalhadora faz entre a carreira e a família. Seria efetivamente uma escolha? Um ato livre de constrangimentos sociais? A categoria conceitual “teto de vidro”, da Sociologia das Organizações, referente às barreiras invisíveis, mas reais, que impedem ou dificultam a ascensão das mulheres na hierarquia ocupacional (Steil, 1997) contribui para o entendimento das defasagens e desigualdades na divisão sexual do trabalho.

Os estereótipos de homens e mulheres da sociedade androcêntrica compelem as mulheres a adotarem a identidade social prioritária de mãe, esposa e dona de casa para serem, de fato, aceitas e valorizadas socialmente, ainda quando exercem uma profissão, ainda que o seu salário seja imprescindível no orçamento doméstico. Caberia indagar por que tal dilema não está colocado para os homens.

De acordo com o modelo tradicional do homem provedor e da mulher cuidadora, a vida familiar não pode prejudicar a vida profissional do homem, enquanto que a vida profissional da mulher não pode trazer danos à família. Não restam dúvidas de que os encargos doméstico-familiares diminuem a disponibilidade das mulheres trabalhadoras e consequentemente suas possibilidades de promoções e aumentos salariais.

E as desigualdades de gênero são transversais, não marcam apenas as classes subalternizadas; acontecem também no interior das classes privilegiadas. A própria filha e sucessora do proprietário do grupo empresarial que a FÁBRICA-P integra, afirmou que: “a princípio encarregavam-me de várias responsabilidades, mas não me davam autoridade real para as desempenhar”.⁷

A sindicalista portuguesa que entrevistamos reforça tal afirmação ao referir-se, especificamente, à atual situação administrativa da FÁBRICA-P:

⁷ Esta frase consta de uma publicação comemorativa dos 50 anos do grupo empresarial nórdico. Não a inserimos nas referências bibliográficas por questões éticas, uma vez que acabaria por identificar tanto a empresa quanto a fábrica focalizada em estudo de caso.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

[...] a administração é completamente masculina. Depois, em termos de cargos médios de chefia, de uma linha ou de uma seção, aí as coisas já estão mais equilibradas. Já temos muitas mulheres com estes cargos, de chefe de uma seção, de um armazém, de uma linha... (sindicalista)

Complementa que a inversão dos percentuais de mulheres no quadro geral de trabalhadores/as e nos cargos de autoridade não acontece apenas na FÁBRICA-P, existindo, e de forma até mais acentuada, em todo o segmento do calçado português. “Num sector onde as mulheres detêm uma significativa importância, desde os quadros superiores até aos altamente qualificados são maioritariamente ocupados por homens” (FESETE, 2017: 24).

No já referido estudo sobre trabalhadores portugueses do setor de calçado de São João da Madeira, no qual analisa estruturas de classe de cunho local e regional, a partir da intersecção das esferas produtiva e comunitária, na imbricação dos cotidianos fabril e doméstico, Estanque pontuara que a proporção de mulheres supera a de homens na produção calçadista, embora não tenha proporcional acesso a cargos de autoridade; quando muito ocupa chefias de linha, setoriais ou intermediárias: “a força de trabalho feminina é a que denota maiores barreiras no acesso a posições de autoridade, embora nas posições qualificadas e sem autoridade as mulheres estejam em maioria [...]” (Estanque, 2000: 326).

Ou seja: no interior dos próprios cargos de autoridade os princípios da separação e da hierarquização fazem-se presentes (Kergoat, 2009: 67). O espaço da mulher é mais limitado, mais circunscrito, atendo-se a postos intermediários de autoridade.

Entre os/as trabalhadores/as entrevistados/as predominam as concepções acerca do poder e dos cargos de autoridade como um espaço masculino, que ilustram empiricamente os processos de subjetivação de estruturas sociais objetivas analisados por Bourdieu (1999)

[...] usualmente [os homens] são mais compreensíveis que as mulheres. Acho que às vezes muita mulher junta é complicado. [para chefiar] os homens são mais tranquilos [...] não são tão mesquinhos com coisas superficiais. (Ana - Portugal).

Ou então, como revela a própria fala de uma operária, chefe de seção da unidade fabril brasileira, para quem, ao assumir postos hierarquicamente mais elevados, as mulheres ne-

cessitam adotar um padrão mais rígido e exigente; portarem-se como homens, para serem aca-
tadas.

A gente tem que ser muito decidida, tem que ser muito firme [...] Você teria que ter
seu lado, vamos assim dizer... masculino mais forte do que o feminino... (Jovana -
BR).

Hirata considera que há uma dificuldade, socialmente construída, das mulheres em
lidarem com o sucesso, de sentirem-se à vontade em posições de prestígio, em cargos de che-
fia, o que corrobora a persistência nos espaços profissionais de uma hierarquia social e técni-
ca, com a supremacia do masculino. Traz as palavras de uma trabalhadora que entrevistou,
muito semelhantes à fala da operária da FÁBRICA, *supra* transcrita: "Tem que ter postura
bem profissional, como se fosse um homem trabalhando" (Hirata, 1998: 12).

Para afirmar a sua competência, ambas em um processo de apagamento de gênero,
adotam um modelo "masculino" para fazer valer a sua autoridade, o que é revelador de um
processo de introjeção das estruturas sociais,

O processo de separação e hierarquização atravessa a trajetória laboral de uma ponta à
outra; não tem início nos assimétricos processos de promoção; já principia na contratação
dos/as funcionários/as.

Na FÁBRICA-P, valoriza-se a disponibilidade para eventuais transferências para ou-
tros países nos quais a empresa atua, e as mulheres encontram mais dificuldade para atender
tais demandas em virtude de sua responsabilização pela estrutura doméstico-familiar.

Quando o pai ou a mãe está doente, é ela que fica em casa, não é o filho. Quando
os filhos estão doentes, é a mãe que vai... (sindicalista - Portugal).

Mas, é interessante observar que a despeito das limitações das trabalhadoras - que res-
pondem por dupla ou múltipla jornada de trabalho - na FÁBRICA-P o percentual de mulheres
sindicalizadas (37,68%) é superior ao de homens sindicalizados (15,53%).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Conquanto não soubesse informar o percentual feminino de filiados/as do Sindicato Nacional dos Profissionais da Indústria e Comércio do Calçado, Malas e Afins, que coordena, a sindicalista portuguesa afirma que “no passado tínhamos mais homens [sindicalizados], mas neste momento eu acho que temos mais mulheres sindicalizadas, portanto isto está a converter”. Embora seja majoritário o número de mulheres sindicalizadas, e conste no panfleto de campanha da chapa que foi eleita para o quadriênio de 2016 a 2020 - atual diretoria - o compromisso de lutar “pela igualdade de oportunidades entre mulheres e homens”, o Sindicato não tem uma agenda de gênero e tampouco alguma secretaria ou algum departamento para tratar especificamente das relações sociais de sexo/gênero no trabalho.

Para Ferreira (2002) os sindicatos têm um histórico de práticas excludentes e segregadoras das mulheres, que remonta ao início da Revolução Industrial: do impedimento de sua filiação, até a convivência com desigualdades de gênero institucionalizadas, chegando a atuar como cúmplices e promotores de tais desigualdades. Observa que quando levantavam a bandeira da igualdade salarial, faziam-no na verdade, em defesa do emprego do homem, considerado segundo a ideologia patriarcal, o provedor da família. Ou seja, a igualdade de salário entre mulheres e homens fazia sentido tão somente para que a mão de obra masculina não pudesse ser substituída por outra mais barata.

Teriam restado, pois, sequelas dessa discriminatória prática, na menor importância atribuída à problemática de gênero no seio da classe trabalhadora, posto que as entidades sindicais muitas vezes ainda se encontram imbuídas da ideia de um trabalhador universal, personificado no trabalhador homem.

Nas pesquisas empíricas que realizamos pudemos verificar uma divisão sexual do trabalho regida pelos princípios da separação e da hierarquização nas unidades fabris focalizadas, bem como representações estereotipadas que se estendem da naturalização de funções sexuais, à noção de perfis masculinos como mais adequados aos cargos de autoridade, à responsabilização - preponderante ou exclusiva - das mulheres pelos encargos doméstico-



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

familiares, e até mesmo à complacência diante da incidência sexualmente diferenciada das doenças profissionais, constatações estas, ilustrativas das concepções teóricas que conduziram nosso estudo comparativo internacional de núcleos produtivos de calçados do Brasil e de Portugal.

V. Conclusões

Nos exíguos limites formais deste texto restam poucas palavras, e tecemo-las de modo não conclusivo, posto que se trata de uma pesquisa ainda em andamento.

A análise comparativa internacional propicia o conhecimento não só de outras sociedades, mas também a compreensão, com maior profundidade da nossa própria realidade social, muito contribuindo para o entendimento das relações de trabalho nos seus traços mais gerais, e nas suas particularidades socioculturais e históricas. As diferentes configurações das relações de trabalho, em contextos específicos, podem mascarar os processos sexuais da separação e hierarquização, daí a premência de transpor o nível das aparências por meio da criteriosa investigação de espaços empíricos, iluminada por consistentes teorias.

As questões de partida desta investigação vertem de dois eixos básicos: um deles referente às condições materiais de trabalho, à divisão sexual do trabalho e relações sociais nele estabelecidas; o outro, remete à dimensão simbólica das subjetividades e representações sociais.

No plano empírico das duas unidades fabris retratadas em estudo de caso, constatamos - embora em níveis diferenciados - uma assimétrica divisão sexual do trabalho, que procura legitimar-se por meio



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de argumentos essencialistas. Deparamo-nos com a combinação de equipamentos tecnológicos sofisticados com tarefas manuais, praticamente artesanais, predominantemente desempenhadas por mulheres trabalhadoras, que se encontram alocadas em funções de menor prestígio, e às quais se atribui remuneração mais baixa.

Os novos sistemas de gestão do trabalho requerem flexibilidade e versatilidade que condizem com a polivalência já exercitada pelas mulheres no desempenho de múltiplas atividades, e na rotineira articulação dos espaços profissionais e domésticos. Porém esta não é reconhecida como qualificação que faça jus à melhor remuneração e à maior valorização profissional.

Todas estas constatações reafirmam a necessidade de focalizar as relações de trabalho sob a perspectiva de gênero, posto que o sistema de acumulação flexível, de cunho neoliberal, vale-se das diversas diferenças existentes entre os/as trabalhadores/as, para ampliar a produção, intensificar a produtividade, e maximizar seus lucros.

As relações sociais de sexo e gênero são transversas a todos os espaços sociais, e se é fato que a desigualdade nas relações estabelecidas entre os sexos/gêneros antecede a organização capitalista da sociedade, é também inegável que o capital sabe fazer uso delas como mecanismo de exploração e controle do conjunto dos/as trabalhadores/as.

Desta forma, efetivamente a Sociologia do Trabalho não pode deixar de atentar para as relações sociais de sexo e gênero no espaço laboral; não pode perder de vista as divisões social, internacional e sexual do trabalho que moldam os atuais paradigmas produtivo e societário no contexto do sistema de acumulação flexível do capital.

VI. Bibliografía

APICCAPS (2016), Monografia Estatística de 2016. Consultado a 14.08.2017, em <https://www.apiccaps.pt/publications/monografia-estatistica/112.html>.



Bourdieu, Pierre (1999), *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Burawoy, Michael (2009), *The Extended Case Method*. Califórnia: University of California Press.

Estanque, Elísio (2000), *Entre a fábrica e a comunidade* - subjetividades e práticas de classe no operariado do calçado. Porto: Afrontamento.

Ferreira, Virgínia (2003), *Relações sociais de sexo e segregação do emprego: uma análise da feminização dos escritórios em Portugal*. Coimbra: FEUC/UC. Tese de doutorado.

_____ (2002), “O efeito Salieri: o sindicalismo perante as desigualdades entre mulheres e homens no emprego”. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 62/2002. Sindicalismo e relações laborais. Coimbra: CES.

FESETE (2017), 13º Congresso. Programa de Acção 2017 - 2020. Porto.

Hirata, Helena (2002), *Nova divisão sexual do trabalho?* Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo.

_____ (1998), “Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero”. *Revista Latinoamericana de estudios del trabajo: Género, Tecnología e Trabajo* ano 4, n. 7.

_____ et. al. (orgs.) (2009). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Ed UNESP.

Kergoat, Danièle (1987), *Em defesa de uma Sociologia das relações sociais. Da análise crítica das categorias dominantes à elaboração de uma nova conceituação*. In: Kartchevsky-Bulport, André et. al. (org.), *O Sexo do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (2009), *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*. IN: Hirata, Helena et. al. (orgs), *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: UNESP.

Moscovici, Serge (1978), *A representação social da psicanálise*. Rio Janeiro: Zahar.

Oliveira, Eleonora Menicucci (1997), *Gênero, saúde e trabalho: um olhar transversal*. In: Oliveira, Eleonora Menicucci; Scavone, Lucila (orgs.), *Trabalho, saúde e gênero na era da globalização*. Goiânia: AB.

Scott, Joan (1995), “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul./dez. 1995: 71- 99.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

SINDIFRANCA / IEMI (2011), Mapeamento da Cadeia Produtiva Coureiro Calçadista de Franca/SP e Região. São Paulo: Instituto de Estudos e Marketing Industrial.

Steil, Andréa Valéria (1997), “Organizações, gênero e posição hierárquica - compreendendo o fenômeno do teto de vidro”. *Revista de administração*, v. 32, n. 3: 62-69.

Tomazini, Maria Lúcia Vannuchi (2003), *A mulher na fábrica de sapatos: trabalho e gênero na indústria calçadista de Franca (SP)*. Araraquara (SP): UNESP. Tese de Doutorado.